

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora

Ano 2022

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Contribuições das ciências humanas para a sociedade

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C764 Contribuições das ciências humanas para a sociedade /
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-903-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.032221802>

1. Ciências humanas. 2. Sociedade. I. Batista, Fabiano
Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Caros leitores e leitoras;

A coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**', dividida em dois volumes, reúne textos de autores e autoras nacionais e internacionais que propõem em trazer discussões atuais, críticas e necessárias sobre a importância, bem como as diversas contribuições dos estudos na área das Ciências Humanas para a sociedade.

Assim, ao longo dos 35 artigos podemos vislumbrar uma série de indagações, questionamentos e reflexões, que negam, afirmam e constroem saberes para que possamos entender e ampliar nosso repertório de conhecimento sobre as mais diversas sociedades e culturas.

Ao longo do primeiro volume é exposto um conjunto de textos que tematizam sobre um panorama nacional, enfatizando, sobretudo, as contribuições das Ciências Humanas para compreensão das dinâmicas e interações no Brasil. Assim, as principais abordagens e temáticas deste volume são: questões regionais, política e planejamento, educação e ciência, representações sociais sobre a velhice, agricultura familiar, questões mercadológicas, condições de trabalho, religião, dentre outros temas que exploram, cada qual a sua maneira, a realidade brasileira e as múltiplas relações com as Ciências Humanas.

No segundo volume os textos reunidos discutem sobre as produções das identidades, subjetivações, metodologias e epistemologia das Ciências Humanas, questões sobre a comunidade surda, juventude, suicídio, vida e morte e processos discursivos, se consolidando como uma abordagem multidisciplinar dentro das Ciências Humanas.

Neste sentido, podemos compreender, a partir das leituras, que as contribuições das Ciências Humanas, ao longo dos anos, nos permitem, conhecer nossa história, a história dos outros, entender o homem e a sociedade como um todo. Suas contribuições nos fornecem informações sobre Política, Mercado, Trabalho, Artes, Natureza, Relações Sociais, dentre outras instâncias da vida humana que precisam, cotidianamente, serem perscrutadas, remexidas e revisitadas, pois todas essas informações fazem de nós seres críticos e nos permitem a entender a realidade a nossa volta.

Por fim, esperamos que a coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**' possa se mostrar como uma possibilidade discursiva para novas pesquisas e novos olhares sobre as contribuições das Ciências Humanas para a sociedade, buscando, cada vez mais, uma ampliação do conhecimento em diversos níveis.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A QUESTÃO REGIONAL E AS POLÍTICAS DE PLANEJAMENTO NO BRASIL:
APRECIÇÕES

Franciclézia de Sousa Barreto Silva

Alberto de Oliveira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0322218021>

CAPÍTULO 2..... 13

A HISTÓRIA DO CENTRO EDUCACIONAL FUNDAÇÃO IBIFAM (CEFI): EXPERIÊNCIA
PIONEIRA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL EM TEMPO INTEGRAL NA ESCOLA BÁSICA EM
BELÉM-PA

Reginaldo do Socorro Martins da Silva

Ney Cristina Monteiro de Oliveira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0322218022>

CAPÍTULO 3..... 32

ASPECTOS DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VELHICE ENTRE OS SUJEITOS
VELHOS DA CIDADE SENHOR DO BONFIM – BA

Valéria Cunha Rodrigues

Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0322218023>

CAPÍTULO 4..... 50

O LUGAR DOS CAMPONESES DA AGRICULTURA FAMILIAR NO AMAPÁ

Manoel Osvanil Bezerra Bacelar

Hilene Marilan Lima Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0322218024>


CAPÍTULO 5..... 67

OS REBATIMENTOS DO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR
(PNAE) COMO PERSPECTIVA DE MELHORIAS NAS CONDIÇÕES DE VIDA PARA
AS MULHERES DO MEIO RURAL: UM ESTUDO DE CASO DAS MANGABEIRAS DO
POVOADO PORTEIRAS EM JAPARATUBA/SE

Handresha da Rocha Santos

Sandra Andréa Souza Rodrigues

Hádrian George da Rocha Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0322218025>

CAPÍTULO 6..... 77

PERFIL ANTROPOMÉTRICO E OS FATORES DE RISCOS CARDIOVASCULARES EM
FREQUENTADORES DA PRAÇA BATISTA CAMPOS NA CIDADE DE BELÉM (PA)


Rafaella Maria da Silva

Caroline Moraes Monteiro

Thiago dos Santos Cruz

Carmen Françuasy Martins Nascimento


Daniele Magalhães Souza
Josiana Kely Rodrigues Moreira da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0322218026>

CAPÍTULO 7..... 86

POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA NA BAHIA: RELATOS SOBRE AÇÕES ENTRE 1970 E 1990

Alex Vieira dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0322218027>

CAPÍTULO 8..... 98

TRATANDO RISCOS: OFERECER CONSTRUÇÃO DE CIDADANIA ATRAVÉS DE GRUPOS TEMÁTICOS PARA JOVENS NO MUNICÍPIO DE ESMERALDAS/MG


Viviane Andrade Pinheiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0322218028>

CAPÍTULO 9..... 104

SHOW OPINIÃO: ARTE, POLÍTICA E CRIAÇÃO TEATRAL NO BRASIL DOS ANOS 1960

Kátia Rodrigues Paranhos


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0322218029>

CAPÍTULO 10..... 115

ANÁLISE DO DISCURSO JORNALÍSTICO DAS REPORTAGENS EM CAMPO GRANDE, MS SOBRE OS POVOS HAITIANOS: APRESENTAÇÃO E ACEITAÇÃO DO OUTRO POR INTERMÉDIO DA ENUNCIÇÃO MUDIÁTICA

Euzenir Francisca da Silva


Melly Fátima Goes Sena

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.03222180210>

CAPÍTULO 11..... 134

CICLO DE VIDA DO MERCADO MUNICIPAL PAULISTANO


Márcia Regina Valle Mielke

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.03222180211>

CAPÍTULO 12..... 146

O MERCADO IMOBILIÁRIO EM MARÍLIA (SP) E O PROCESSO DE SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL

André Pimenta Mota





 <https://doi.org/10.22533/at.ed.03222180212>

CAPÍTULO 13..... 166

FINANÇAS PESSOAIS E TESOURO DIRETO: UMA ANÁLISE PRÁTICA PARA GERIR OS CUSTOS DOS INVESTIMENTOS NOS TÍTULOS DO TESOURO DIRETO

Eduardo Alvim Guedes Alcoforado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.03222180213>

CAPÍTULO 14.....	186
CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO INTERMITENTE ENQUANTO PRECARIZAÇÃO	
Gabriel Bacarol Kerber	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.03222180214	
CAPÍTULO 15.....	194
ANÁLISE DAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS APLICADAS PELA FUNDAÇÃO CASA À LUZ DA TEORIA DE WINNICOTT	
Alex Pereira de Sousa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.03222180215	
CAPÍTULO 16.....	204
A UMBANDA E O CANDOMBLÉ NO BRASIL: UMA DISCUSSÃO SOBRE A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E A SUA RELAÇÃO RACIAL	
Francisco Rangel dos Santos Sá Lima	
Cícero Nilton Moreira da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.03222180216	
CAPÍTULO 17.....	212
CIVILIZAÇÃO NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI	
André Soares Ferreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.03222180217	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	224
ÍNDICE REMISSIVO.....	225

CAPÍTULO 3

ASPECTOS DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VELHICE ENTRE OS SUJEITOS VELHOS DA CIDADE SENHOR DO BONFIM – BA

Data de aceite: 01/02/2022

Valéria Cunha Rodrigues

Estudante do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre a Produção Social do Espaço e do Laboratório de Geografia Humana da UNIVASF

Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega

Professor do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, líder do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre a Produção Social do Espaço e Coordenador do Laboratório de Geografia Humana da UNIVASF

RESUMO: Com a ampliação da longevidade da vida humana, observa-se a necessidade de estudar a representação social da velhice entre os sujeitos velhos como instrumento para auxiliar na construção de reflexões sobre a geografia do envelhecimento da cidade de Senhor do Bonfim – BA. As representações sociais indicam reflexos da vida cotidiana materializada no espaço geográfico, contribuindo o entendimento o seu processo de (re)produção. Esta pesquisa foi fundamentada a partir de reflexões do mundo vivido, baseado na teoria da produção social do espaço de Henri Lefebvre (2006) e utilizou-se da ferramenta de análise da representação social apresentada por Serge Moscovici (1978), apoiando a construção de análise do discurso (AD) e mapas conceituais. De modo geral, o

resultado revelou uma tentativa por parte dos participantes em caracterizar uma representação para um outro que não a si mesmo, sustentando a ideia de negatividade em torno da velhice.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia do Envelhecimento, Envelhecimento Humano, Representação Social da Velhice.

ASPECTS OF SOCIAL REPRESENTATION OF OLD AGE AMONG THE OLD SUBJECTS OF THE CITY LORD DO BONFIM - BA

ABSTRACT: The expansion of the longevity of human life, there is a need to study the social representation of old age among elderly subjects as an instrument to help in the construction of reflections on the geography of aging in the city of Senhor do Bonfim – BA. Social representations indicate reflections of everyday life materialized in geographic space, contributing to the understanding of its (re)production process. This research was based on reflections on the lived world, based on the theory of social production of space by Henri Lefebvre (2006) and used the social representation analysis tool presented by Serge Moscovici (1978), supporting the construction of analysis of speech (AD) and concept maps. Overall, the result revealed an attempt by the participants to characterize a representation for someone other than themselves, supporting the idea of negativity around old age.

KEYWORDS: Aging of Geography, Human Aging, Social representation of old age.

INTRODUÇÃO

Não é mais novidade que nas últimas décadas a humanidade tem acompanhado um aumento significativo na quantidade de pessoas mais velhas, ou seja, que vivem para além do marcador dos 60 anos de vida. Os fenômenos que dão conta de explicar o aumento do tempo de vida dos seres humanos são múltiplos, mas verificamos uma notória baixa na taxa de fecundidade concomitante com o aumento da expectativa de vida em várias partes do mundo, além da diminuição da mortalidade – tanto infantil, quanto de adultos –, algo também vivenciado no Brasil (COSTA & FREITAS, 2010).

De acordo com os últimos dados projetados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2020) a expectativa de vida ao nascer passou de 73,86 em 2010 para 76,50 em 2019, podendo chegar no ano de 2060 a 81,04.

Segundo Magnabosco-Martins, Viseu- Camargo e Biasus (2009) em 2008 a faixa etária mais crescente em proporção no Brasil já era a faixa de pessoas com 60 anos ou mais.

Diante dos dados de Projeção da População do Brasil e das Unidades da Federação (2010- 2060) feito pelo IBGE (2020), esse crescimento fica ainda mais claro ao observar que entre os anos de 2010 a 2019 houve uma queda na participação relativa dos grupos etários de jovens (até 14 anos). Nesse mesmo período a População em Idade Ativa –PIA (15 - 64 anos) apresentou um considerável aumento, o que não anima muito ao levar em consideração os anos seguintes. A longo prazo, as projeções indicam perspectiva de baixa ainda mais expressivas até o ano de 2060 para estes grupos populacionais, ao mesmo tempo em que apontam a ampliação da participação do grupo de velhos na estrutura etária do Brasil.

Com base nos dados do IBGE (2020) durante os anos de 2010 a 2019 a evolução do grupo etário dos jovens (até 14 anos) caiu de 24,69% para 21,10%, com a perspectiva de que em 2060 esse número chegue a 14,72%. O mesmo acontece com a PIA, que apesar de sair de 67,99% em 2010 para 69,38% em 2019, tende a baixar ao longo dos anos podendo chegar a 59,80% em 2060. Enquanto isso, o grupo dos sujeitos velhos passou de 7,32% em 2010 para 9,52% em 2019, esperando alcançar 25,49% em 2060.

Diante do exposto, vale a pena salientar que ainda que a longevidade represente progresso e uma grande conquista alcançada nos últimos tempos, ela também desperta muitos questionamentos, dentre eles a forma com que esse prolongamento do tempo real de vida dos seres humanos é compreendido pelas sociedades contemporâneas (VELOZ, NASCIMENTO-SCHILZE E CAMARGO, 1999). Em países com grandes desigualdades sociais, como as apresentadas no Brasil, ampliar o número de pessoas acima dos 60 anos na população não está diretamente relacionando a uma melhoria nas condições sociais de vida, notadamente percebemos cenários de grande vulnerabilidade social entre os sujeitos mais velhos.

Ao observar um conjunto complexo de elementos ampliando as questões sociais a respeito do processo de envelhecimento e a manutenção da vida da pessoa velha no mundo moderno, dentre os novos desafios, destaca-se que a vida dos sujeitos velhos tem sido reinventada cada vez mais dentro de um contexto capitalista, o que provoca um modo de pensar a velhice também capitalista (COSTA & FREITAS, 2010).

Muitas são as sociedades que atribuem aos seus grupos crenças e valores ligados à competitividade, capacidade de trabalho, independência e autonomia funcional, dos quais nem sempre as pessoas velhas conseguem executar, uma vez que frequentemente a velhice traz consigo muitas mudanças biológicas ao corpo dos sujeitos, por vezes associadas a perdas. A construção de parte dessas crenças se dá através das representações, que diariamente se molda nos diálogos trocados entre os grupos (VELOZ, NASCIMENTO-SCHILZE E CAMARGO, 1999).

Sendo essas representações resultantes de um modo de vida socialmente construída por esses sujeitos envelhecetes, serão elas também norte para a realização deste trabalho intitulado “Por uma Geografia do Envelhecimento: Estudo sobre a representação social da velhice entre os sujeitos velhos da cidade de Senhor do Bonfim – BA”, e que tem como problema determinante da pesquisa a necessidade de se discutir as questões expostas já no título, de modo a compreender e traçar uma Geografia do Envelhecimento dentro da cidade de Senhor do Bonfim- BA.

SOBRE REPRESENTAÇÃO SOCIAL E VELHICE: NOTAS TEÓRICAS

As representações surgem da necessidade do ser humano de se reconhecer e compreender o mundo do qual pertence. Nessa busca, faz-se necessário um conjunto de análises e ajustes perante as circunstâncias e problemas que vão sendo apresentados, de modo a solucioná-los. Uma vez que vivemos em sociedade, dividindo o mundo com outras pessoas e nem tudo pode ser totalmente feito com autonomia, construímos, em meio à vida cotidiana, representações também sociais. É a partir delas que as interpretações e definições feitas em conjunto ajudam a diferenciar melhor os aspectos diariamente manifestados, facilitando assim a forma de encará-los (JODELET, 2001).

As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem. O social intervém de várias formas: pelo contexto concreto no qual se situam grupos e pessoas, pela comunicação que se estabelece entre eles, pelo quadro de apreensão que fornece sua bagagem cultural, pelos códigos, símbolos, valores e ideologias ligados às posições e vinculações sociais específicas. Em outras palavras, a representação social é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a

construção social da nossa realidade (SÊGA, 2000, p. 128- 129).

Essa realidade socialmente construída a partir das representações sociais se torna comum a todos que a compartilham, de modo que os indivíduos se reconhecem e se entendem a partir dela, transmitindo e recriando por meio da comunicação interpessoal os saberes articulados no cotidiano, bem como aqueles que antecederam a sua cultura (SANTOS, TURA E ARRUDA, 2013).

Quando os indivíduos se encontram para falar, expressar opiniões, argumentar, discutir o cotidiano, produzir e difundir conhecimentos sobre o mundo, esses conhecimentos passam a orientar seus comportamentos e do grupo ao qual pertencem, bem como suas relações individuais e com os outros grupos (COSTA, 2006, p. 7).

É na troca, no compartilhar com o outro que nasce as representações, o que explica a sua compreensão vinculada às condutas de valores, crenças, opiniões e atitude e que como bem indicou Oliveira, Paiva e Valente (2006, p.474) “manifestam através de estereótipos, sentimentos, atitudes, palavras, frases e expressões. É um conhecimento do “senso comum”, socialmente construído e partilhado, diferente do conhecimento científico, que é reificado e fundamentalmente cognitivo.”

Serpa (2014) na tentativa de explicar o conceito de representação social por Henri Lefebvre (2006), afirma que as representações sociais são ferramentas de comunicação e recriação do mundo, aproximando-as a realidade, sem, no entanto, substituir o mundo vivido. E quando substituído pelo concebido, a representação passa a ser ideologia.

O conceito de representação social nasce na sociologia, derivando-se da “representação coletiva” apresentada pelo sociólogo Durkheim. Segundo Alexandre (2004, p.9- 130- 131):

as categorias básicas do pensamento teriam origem na sociedade, e que o conhecimento só poderia ser encontrado na experiência social, ou seja, a vida social seria a condição de todo pensamento organizado e vice-versa. [...] A “representação coletiva”, segundo Durkheim²², não se reduz à soma das representações dos indivíduos que compõem a sociedade, mas são, mais do que isso, um novo conhecimento é formado, que supera a soma dos indivíduos e favorece uma recriação do coletivo. Uma função primordial da “representação coletiva” seria a transmissão da herança coletiva dos antepassados, que acrescentariam às experiências individuais tudo que a sociedade acumulou de sabedoria e ciência ao passar dos anos.

Apesar da contribuição de Durkheim com a representação coletiva foi Moscovici (1961) quem deu ênfase ao conceito de representação social, ao renovar e até divergir em alguns momentos com as ideias de Durkheim. Para Moscovici (1961) o indivíduo não se limita aos conhecimentos coletivos herdados de seus antepassados, ele exerce influência ativa na construção social, ao mesmo tempo em que esta também auxilia na sua própria construção (JODELET, 2001; ALEXANDRE, 2004). É a partir dessa conceitualização que em 1961 surge a Teoria das Representações Sociais moscoviana, com a publicação de *Psychanalyse: son image et son public*, distinguindo-se por apresentar um pensamento

social resultante de experiência, crenças e de trocas de informações na vida cotidiana (...) (PAVARINO, 2003).

A Teoria das Representações Sociais TRS operacionalizava um conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade. Partia da premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes, formas que são móveis, e define duas delas: a consensual e a científica, cada uma gerando seu próprio universo.

(...) O universo consensual seria aquele que se constitui principalmente na conversação informal, na vida cotidiana, enquanto o universo reificado se cristaliza no espaço científico, com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna. Ambas, portanto, apesar de terem propósitos diferentes, são eficazes e indispensáveis para a vida humana. As representações sociais constroem-se mais frequentemente na esfera consensual, embora as duas esferas não sejam totalmente estanques (ARRUDA, 2002, pg. 129).

A teoria psicossociológica das representações sociais, é então fundamenta nos conhecimentos gerados a partir das relações sociais e que são naturalizados em um meio social pelo seu compartilhamento. Esses conhecimentos, frequentemente construídos no universo consensual é aquele do senso comum (SANTOS, TURA E ARRUDA, 2013).

A teoria das representações sociais de Moscovici (1961) é composta por dois processos que exercem grande destaque na construção de tais representações, a objetivação e a ancoragem. Nas palavras de Mazzotti (2002, pg. 18), a objetivação e a ancoragem são descritas por seu criador como:

(...) processos sociocognitivos, dialeticamente relacionados, que atuam em sua formação [...]. Para compreendê-los, é preciso lembrar que, para Moscovici a estrutura da representação tem duas faces tão indissociáveis como os dois lados de uma folha de papel: a face figurativa e a face simbólica. Isto implica dizer que, na atividade representativa, a cada figura corresponde um sentido e a cada sentido, uma figura. Assim, os processos formativos têm por função destacar uma figura e atribuir-lhe um sentido, ancorando-a no sistema de crenças e valores pré-existente no grupo; mas têm sobretudo a função de duplicar um sentido por uma figura, dando-lhe materialidade, ou seja, objetivando-a.

A objetivação é, portanto, o processo responsável por dar vida ao que foi conceituado ou idealizado, tornando-o real, enquanto a ancoragem vai analisar e nomear esses conceitos e ideias, dando-lhes significados possíveis de serem inseridos na compreensão de mundo de seus grupos sociais, ou seja, “a objetivação transfere a ciência para o domínio do ser e a ancoragem a delimita ao domínio do fazer, a fim de contornar o interdito de comunicação” (MOSCOVICI, 1978, pg. 174).

O envelhecimento quando pensado enquanto processo se apresenta como última etapa de um longo percurso dividido por fases, sendo estas classificadas de infância, juventude, vida adulta e velhice (FERNÁNDEZ, 2007; KARPF, 2015). Em áreas de estudo como a Psicologia o conceito mais usual do envelhecimento também se baseia

no curso de vida, ou ainda *lifespan*, que vai ser compreendido como algo que faz parte da trajetória da vida dos seres e que ao mesmo tempo é composto tanto de ganhos quanto de perdas. (MAGNABOSCO-MARTINS, VISEU- CAMARGO E BIASUS (2009). Muitas são as pesquisas em torno do envelhecimento e as representações que são construídas nessa e sobre essa fase da vida. Contudo, o que se observa é uma velhice representada tanto para quem a vive quanto para sociedade, sob um olhar de perdas não somente físicas, como também sociais.

Pesquisas como a de Veloz, Nascimento-Schilze e Camargo (1999) mostram o quanto a perda ainda é ligeiramente associada à velhice. Nela foram encontrados três tipos de representação social do envelhecimento, resultantes de entrevistas com 37 pessoas que tinham idade entre 52 e 92 anos; a primeira foi uma representação doméstica e feminina, em que se destacava a perda dos laços familiares, a segunda apontou para uma representação masculina, voltada para a atividade e conseqüentemente a perda do ritmo de trabalho e a terceira e última uma representação pautada no desgaste humano. Não tão distantes foram os resultados de outras pesquisas como de Magnabosco-Martins, Viseu- Camargo e Biasus (2009) ou ainda Santos, Tura e Arruda (2013) que tiveram como resultado de seus trabalhos representações das quais muitas vezes os sujeitos não se identificavam por se negarem a ser velhos.

Costa e Freitas (2010) relacionam as representações sociais sobre a velhice a um conjunto dinâmico que não somente provoca interpretações, mas principalmente à renovação da velhice na conjuntura pós-moderna. Segundo elas, as representações foram desenvolvidas por sujeitos sociais como estratégia para enfrentar a problemática da velhice com o intuito de construir uma representação da terceira idade comum a todos. O resultado desse processo socialmente mediado é o próprio reflexo do modo capitalista de pensar as relações entre os indivíduos.

Outras pautas também podem ser levantadas a partir dessas discussões e que dão mais ênfase às construções das representações sociais, como os estereótipos criados sobre a velhice e a forma como a sociedade lida com o envelhecimento e seus sujeitos. Para Martins e Rodrigues (2004) os estereótipos criados e valorizados acabam por construir uma representação da velhice socialmente *gerontofóbica*, influenciando na própria forma dos sujeitos velhos se enxergarem e de enxergarem todo processo que envolve a velhice. Isso é claramente perceptível, tanto nas pesquisas feitas com os velhos e/ou não- velhos, quanto nas relações cotidianas.

No que se refere ao posicionamento da sociedade em torno da velhice e as condições que esta apresenta aos sujeitos velhos, em muito ainda se reflete nas falas de quem a experimenta como na própria exposição feita por Beauvoir (1990, p.265). Em suas palavras, a sociedade “fecha os olhos para os abusos, os escândalos e os dramas que não abalam seu equilíbrio”. Horn (2013, p. 16) vai dizer que:

A sociedade contemporânea é marcada pela cultura da imagem. A imagem negativa

que se construiu nos primórdios do século XVIII contribuiu para a assunção da ideia de que o sujeito só é válido se for jovem e bonito, rejeitando-se aqueles que não correspondem aos quesitos da sociedade. A subjetividade na contemporaneidade é marcada por traços narcísicos, pois a produção em massa e o mercado de consumo estão direcionados à imagem, assim como a relação entre os sujeitos. O consumo voltado para o corpo revela uma aversão em que a velhice pode ser colocada e vista como um temor, uma rejeição. Como podemos perceber, os valores colocados para a sociedade de hoje mostram uma sociedade de jovens, fazendo com que se esqueça que atualmente a população está vivendo mais e melhor, e que hoje os velhos já são a maioria. Por esse motivo é possível perceber que há uma discordância muito grande quanto ao olhar e estrutura da sociedade atual em relação aos idosos.

Mesmo com toda dificuldade, a luta para romper esse ciclo tende a ser cada vez mais forte, ainda que em passos lentos, impulsionada pela busca da tão desejada, digna, plena e feliz “bela velhice” defendida por Goldenberg (2013), quem sabe assim possa ser construídas representações do envelhecimento das quais os indivíduos se reconheçam e se orgulhem.

COMO FORAM CONSTRUÍDOS OS MAPAS CONCEITUAIS DA ANÁLISE?

Os mapas conceituais são ferramentas essenciais para auxiliar na interpretação e organização de estudos. Gava, Menezes e Cury (2003) vão dizer que essas ferramentas que são metacognitivas por si só apresentam as informações de forma mais prática, sendo assim um ferramental muito importante para expressar o conhecimento. Eles ainda descrevem os mapas conceituais como sendo:

(...) representações gráficas de conceitos, semelhantes a diagramas, em um domínio específico de conhecimento, construídos de tal forma que os relacionamentos entre os conceitos são evidentes. Ou seja, eles representam conceitos e suas ligações (relacionamentos) na forma de um mapa, onde os nós são os conceitos e os links entre dois nós os relacionamentos entre os conceitos (GAVA, MENEZES E CURY, 2003, p.3).

Assim, uma das estratégias metodológicas adotadas para entender o significado da velhice entre os sujeitos velhos foi a construção de esquemas e imagens que auxiliaram na organização das palavras e dos significados apresentados pelos sujeitos pesquisados, dando uma maior visibilidade e confiabilidade entre aquilo que foi dito com o que foi analisado. Ao final da construção dos mapas conceituais os principais elementos da fala dos sujeitos puderam ser identificados e analisados sem muitos desvios. Além disso, eles possibilitaram maiores compreensões das relações entre o envelhecimento e o espaço geográfico da cidade de Senhor do Bonfim.

Em uma perspectiva gerencial as atividades que fundamentaram este trabalho seguiram os seguintes procedimentos:

- Levantamento bibliográfico: Durante todo o processo de preparação deste material, foram feitos levantamentos teóricos sobre envelhecimento humano, geografia do envelhecimento, representação social, análise do discurso e mapas conceituais para dar base a pesquisa e ampliar o diálogo aos poucos construído.
- Formulação e aplicação de entrevista: Elaborou-se um questionário com nove quesitos que continham perguntas focadas nas questões da velhice, do envelhecimento e suas relações com o espaço geográfico da cidade de Senhor do Bonfim, ele foi estruturado da seguinte forma: 1-Sexo/ 2-Idade/ 3-O que é ser velho para você? / 4- Para você há alguma diferença entre ser velho e ser idoso? Se sim, qual? / 5-Você se acha velho? Por quê? / 6 – Para você, uma pessoa velha tem dificuldade de se locomover pelos lugares da cidade? / 7 - Para você, com quantos anos a pessoa começa a ficar velha? / 8 – Cite 5 vantagens de ser velho / 9 – Cite 5 desvantagens de ser velho

As entrevistas semiestruturadas, que apesar de terem seguido roteiros diferentes dos quais havíamos planejados devido a pandemia, resultaram numa boa coleta de dados. Ainda que de forma remota, contamos com a participação de 22 velhos moradores da cidade e que atenderam todos os requisitos da pesquisa. As entrevistas foram filmadas ou gravadas e autorizadas por cada participante, o que possibilitou uma análise mais precisa do material recolhido.

- Sistematização e análise do discurso: Com os áudios e vídeos em mãos, foi feito a transcrição e análise dos discursos minuciosamente, organizando os pontos principais em forma de mapas conceituais e tabelas.
- Elaboração de mapas conceituais: Nessa etapa da pesquisa, a elaboração dos mapas conceituais pautados na velhice e no espaço geográfico da cidade foram essenciais para a construção e entendimento da geografia do envelhecimento, assim como também auxiliaram na compreensão das representações sociais construídas pelos velhos de Senhor do Bonfim.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Contamos então com a participação de 22 velhos com idade entre 60 e 88 anos, todos residentes da cidade de Senhor do Bonfim- BA, que demonstraram interesse em participar e autorizaram a gravação dos áudios e vídeos, tendo a liberdade de deixar de responder a qualquer pergunta que não os deixassem à vontade. Dentre os sujeitos entrevistados 15 eram do sexo feminino enquanto os 7 restantes correspondiam ao sexo masculino. A maioria dos participantes tinham idade entre 70 e 79 anos, sendo 14 deles, enquanto apenas 4 tinham idade entre 60 e 69 e os outros 4 entre 80 e 89 anos.

Na busca de se fazer revelar as representações sociais da velhice em meio as falas dos velhos bonfinenses, estruturamos a entrevista a partir de nove quesitos e sete

perguntas centrais. Não tão distantes de outras realidades, a primeira questão trouxe à tona reflexões das quais nos são muito familiares quando se trata do termo velho. Algumas das respostas foram carregadas de expressões de perda e negatividade, remetendo ao ser velho palavras como *Ultrapassado*, *Acabado*, *Caída*, *Imprestável* e *Ruim*.

“Ser velho minha fia, é ruim. É ruim, porque a gente fica tão diferente, tão mudada, tão caída. É muito ruim ser velho. É muito ruim.” (entrevistada 3, 84 anos).

Pôde-se ainda observar nas entrevistas que o velho em muito continua sendo visto e descrito como algo a ser comparado a um objeto, do qual se usa e descarta quando não mais tem utilidade.

“velho é o passado, velho é o que joga fora pq não presta mais.” (entrevistada 19, 86 anos).

Outros, entretanto, enxergam a velhice como processo natural carregado de grandes ganhos, resultando no destaque de palavras como *Normal*, *Experiência* e *Vivida*, em que houve o reconhecimento de conhecimentos adquiridos dos quais podem ser compartilhados entre as novas gerações e o privilégio de poder viver e alcançar cada ano.

“Ser velho para mim é ser dona de várias experiências que vivi durante minha caminhada e que eu posso compartilhar com minha linhagem jovem (...). É desafiar a lei corpórea e mental todos os dias e continuar prosseguindo até quando for o meu limite” (entrevistada 9, 80 anos).

“Ser velho para mim é motivo de muita alegria. Por que alegria? Porque foi vivida com abundância.” (entrevistada 12, 69 anos).

Dentre os entrevistados houve quem enxergasse a velhice com um olhar mais religioso, direcionando a Deus as razões pelas quais alcançaram os anos vividos, expressando sua gratidão pela vida. Palavras como *Recompensa* e *Cumprindo* deram mais ênfase a esse olhar divino.

“Ser velhos é as ordens que a gente tá cumprindo, as ordens de Deus. Viver, viver é bom, só pode achar ruim a velhice quando a pessoa tá aleijado, cego... Mas enquanto a gente andar e ouvir a vida é boa(...).” (entrevistada 21, 88 anos).

“O que é ser velho para mim? É a recompensa de Deus.” (entrevistado 15, 74 anos).

A palavra *Disposição* aparece nas falas como algo determinado para se tornar um ser velho, em que a falta dela seria reflexo da velhice enquanto sua abundância significaria garantia de um envelhecimento mais tardio.

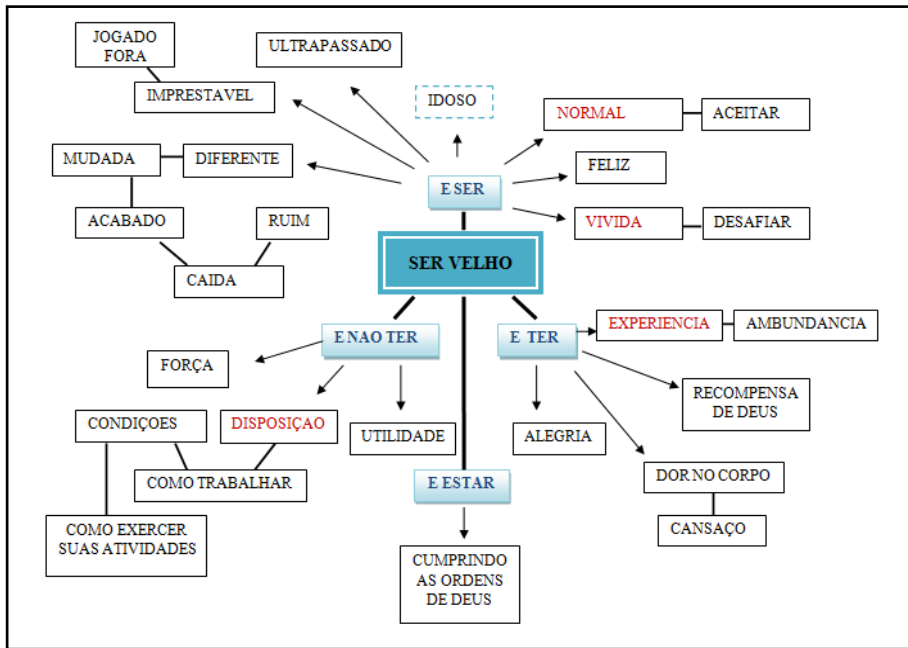


Figura 1- Mapa conceitual referente a questão: *o que é ser velho para você?*

Quando questionados se existiria diferença entre os termos velho e idoso dentro da concepção de cada um, as opiniões se dividiram. 11 dos 22 envolvidos disseram não haver diferença, 8 discordaram e 3 não souberam se expressar. Dos que confirmaram existir diferença, as justificativas foram desde a idade até questões físicas e mentais. Dessa forma, frases como “*tem mais força*”, “*tem mais disposição*”, “*não sente nada*” foram direcionadas ao idoso, enquanto “*cada vez mais fraco*”, “*não tem mais utilidade*” caracterizaram o velho. Teve ainda aqueles que colocaram o ser idoso ou velho como uma questão de estado de espírito e condição física, utilizando a palavra *Depende* para evidenciar tais questões.

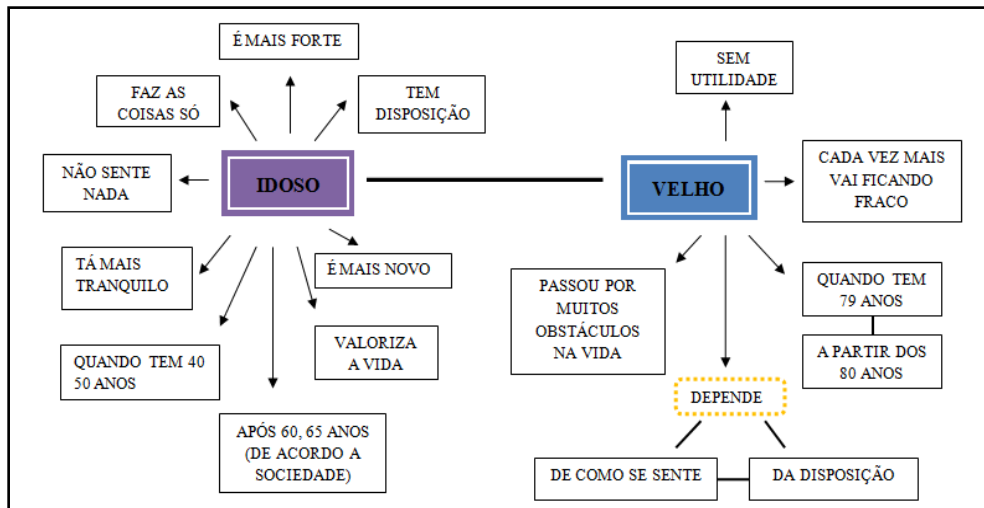


Figura 2- Mapa conceitual referente a questão: *Para você há alguma diferença entre ser velho e ser idoso? Se sim, qual??*

A terceira pergunta revelou o quanto muitos ainda se negam a velhice pelo simples fato de resumir essa etapa da vida a perda da saúde e a incapacidade de realizar atividades das quais boa parte dos sujeitos velhos entrevistados não se identificavam por não as viver por excelência, sendo essa a justificativa de 14 deles. Durante as falas eram comuns as frases virem acompanhadas de um “ainda tenho”, “ainda sou”, “não me acho”, “não me sinto”, “faço”, sempre como argumento contra a velhice.

“Não. Sinto, que eu ainda vou viver muitos anos. Tô bem!” (entrevistada 1, 73 anos).

“Não. porque ainda desempenho as minhas atividades 50%, ainda pratico esportes; chego a pedalar até 100km por dia de bicicleta.” (entrevistado 22, 74 anos).

“Não me acho velha, faço o que eu quero, tomo minha cerveja, faço caminhada. Não sou velha.” (entrevistada 19, 86 anos).

Mesmo entre os 5 sujeitos que se declararam velhos, a justificativa consistia na perda física e incapacidade de realização das tarefas, bem como a presença de *dores*, *cansaço* e *doenças*. A idade enquanto número também foi apresentada como argumento.

“Eu me acho (...) eu não tenho mais a força que eu tinha, não tenho mais o querlido que eu tinha, não posso mais fazer o que eu já fiz, nem andar como eu andei, não posso mais (...).” (entrevistada 3, 84 anos).

“Eu me acho uma pessoa velha. Por quê? Porque já estou muito cansada e os passos lentos... Já não sou mais a mesma.” (entrevistada 12, 69 anos).

“Acho, por causa da idade e das doenças que tenho.” (entrevistado 18, 73 anos).

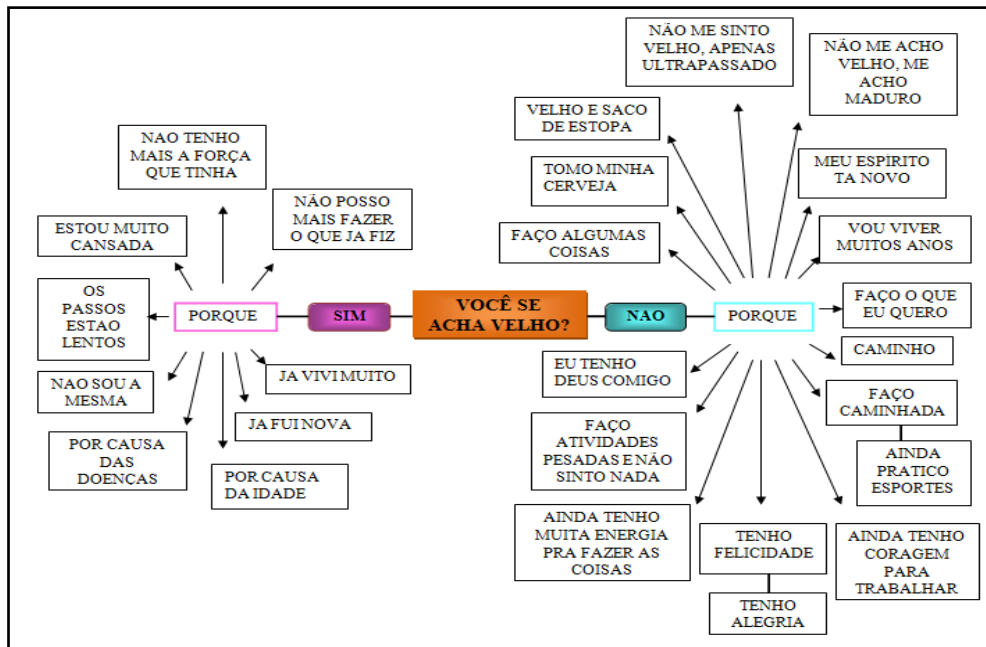


Figura 3- Mapa conceitual referente a questão: *Você se acha velho? Por quê?*

Ainda que seja imperceptível, os espaços da cidade também são negados a esses sujeitos. Ao serem questionados sobre as dificuldades de locomoção nos lugares da cidade, grande parte dos velhos participantes confirmaram a existência de tal dificuldade revelando em algumas de suas falas esse não direito aos espaços públicos provocados principalmente pela falta de estrutura que gera a impossibilidade de um tráfego tranquilo e quando somado a problemas de saúde esse ir e vir se tornava dependente ou ainda improvável de acontecer.

“Tem... Faz medo, por causa de tropeçar, dos carros que não pode subir ligeiro, andar ligeiro pra subir na calçada (...).” (entrevistada 1, 73 anos).

“Tem. Porque não existe nem dizer calçada na cidade, né? Pro idoso andar.” (entrevistado 2, 72 anos).

“Sim, porque ando de cadeira de rodas.” (entrevistado 18, 73 anos).

“Tem. Eu tenho vontade de andar, mas não posso, não tenho condição mais de andar só (...).” (entrevistada 3, 84 anos).

Entretanto, outros declararam que essa realidade não é absoluta na medida em que ela varia de pessoa por pessoa, dependendo de uma série de questões que inclui a situação que se encontra o indivíduo, bem como o seu quadro de saúde. Alguns ainda direcionaram a doença como único motivo de impossibilidade de locomoção pelos lugares públicos da cidade.

“Depende da pessoa. Conheço gente mais velha que eu que corre, que faz tudo e

tem gente mais nova que não faz porque tem preguiça.” (entrevistada 19, 86 anos).

“Se for uma pessoa que apresente doenças físicas ou mentais, sim. Caso não, acredito que com força de vontade e disposição para encarar o dia não.” (entrevistada 9, 80 anos).

“Sim. (...) quando a gente tem saúde a velhice não importa, porque a gente tem saúde e vai ficando velho, mas vai ficando velho e com coragem de conseguir as coisas, e a gente, sendo uma velhice doente, fraco, vai decaindo cada vez mais, por isso que sente mais dificuldade (...).” (entrevistada 4, 68 anos).

Sabemos que a velhice e o envelhecimento não se resumem a números e muito menos a idade, contudo, as sociedades ainda utilizam desse método para marcar as fases da vida, no caso específico da velhice, essa definição pode variar entre 60 (países em desenvolvimento) e 65 anos (países desenvolvidos). Interessados na opinião desses sujeitos apontados como “idosos” por seus anos completos, questionamos qual seria a idade que melhor representaria a velhice, ou seja, com quantos anos eles acreditavam que uma pessoa começava a ficar velha. O resultado revelou que entre as 17 respostas concisas, a maioria (9 delas) apontava para idades entre 60 e 79 anos.

Ao longo dos anos moldamos a vida com versões, nem sempre feitas de altos, mas também de baixos, de coisas boas e ruins, porque somos a própria moeda, que apesar de ser uma só, tem dois lados. Não poderíamos concluir a entrevista de forma diferente, sem procurar saber o que se pode tirar de positivo e negativo da velhice, sem conhecer os benefícios e malefícios que porventura essa fase tão incerta e mistificada poderia apresentar.

Solicitamos assim descrições de possíveis vantagens de ser um velho e entre tantas palavras ditas doces forma aquelas que trouxeram à tona a gratidão pelos *anos vivido, experiências adquiridas, família criada, uma vida sem tantas preocupações* e a tranquilidade de *ter prioridade, poder viajar*, e receber mensalmente a sua *aposentadoria*.

No entanto, alguns participantes revelaram não haver, ou melhor, não verem vantagem nenhuma em ser velho.

“Bom em ser velho, porque a gente já criou seus filhos, a gente já tá tranquilo, tá mais descansado. Por isso que eu acho, que é bom. Tem mais experiência de vida, e aí, é bom.” (entrevistada 4, 68 anos).

“Ter passe livre, ter prioridade nos bancos, se aposentar, ser prioridade no hospital e não trabalhar mais.” (entrevistada 13, 66 anos).

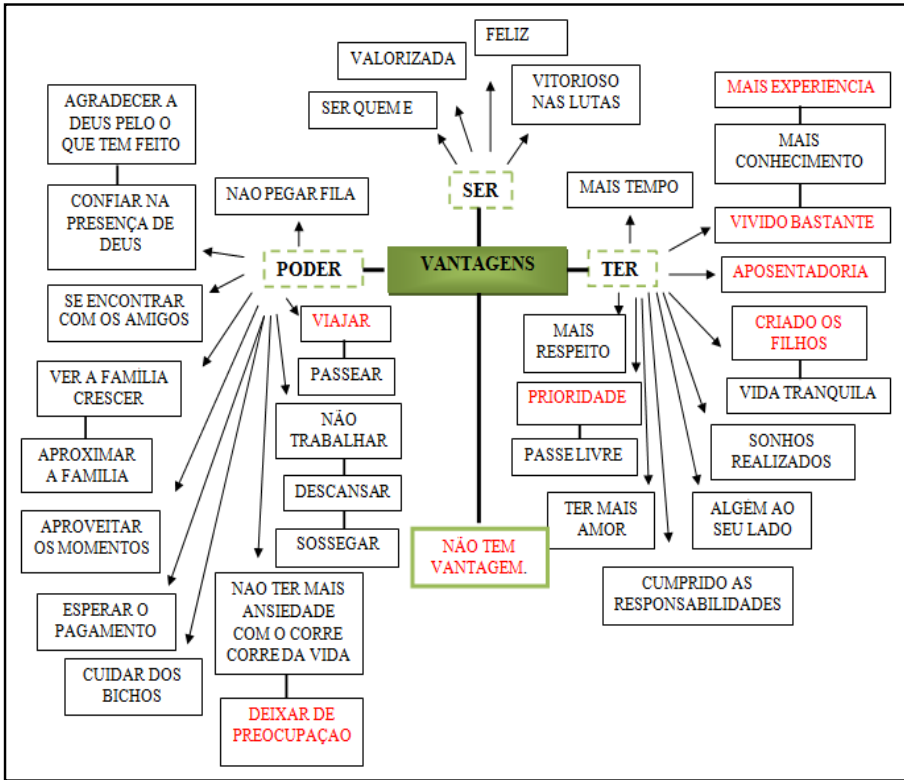


Figura 4 - Mapa conceitual referente a questão: Cite 5 vantagens de ser velho.

Por fim, as desvantagens foram escancaradas e trouxeram o outro lado da moeda, retratada em grande parte pela *dependência*, *doença* e *incapacidade* mesclada de um “*não posso mais*” e por vezes de um “*não tenho mais*”.

“É ficar a mercê das pessoas. Um^s pessoas fazem as coisas com alegria, outro já faz com a cara fechada e a gente fica triste. Não poder sair, não poder caminhar, não poder ir para a igreja, não poder, né? Se divertir como diz o povo.” (entrevistada 5, 79 anos).

“(…)Tudo! A força, o equilíbrio, tudo, tudo vai se acabando tudo, tudo!” (entrevistada 3, 84 anos).

Muitas foram as expressões lançadas para dar sentido as desvantagens da velhice as quais transmitiam um certo peso ao serem preferidas se assemelhando a tantas outras palavras ditas por outros sujeitos velhos espalhados pelos quatros cantos do mundo e que em muito reflete a degradação humana, não somente física como também social, moral e psicológica, invalidando a sua importância enquanto seres sociais.

“Primeiro lugar a pessoa fica muito carente. Segundo lugar, muita solidão. Terceiro lugar, não ter força (...) não ter o esforço próprio de fazer os seus afazeres. Quarto lugar, fica muito doente, muito cheio de dores. Na velhice é só canceira e mais nada.” (entrevistada 12, 69 anos).

“O tempo passa mais rápido, o cansaço de tudo chega, está mais arrisca a doenças, a exclusão da sociedade e a desvalorização.” (entrevistada 9, 80 anos).

“Ser velho é se tornar um bobão, se tornar um medíocre. (...) é aceitar conforme os nossos governantes determinam, você é velho e por último é a gente andar por aí jogado fora como se fosse um lixo. (...)” (entrevistado 20, 72 anos).

“Falta de respeito, consideração, as pessoas não consideram a pessoa idosa, não dão valor, respondem. É muito diferente do tempo que a gente era jovem. (...) falam do direito do idoso, mas nem todos os direitos o idoso tem. (...)” (entrevistada 10, 76 anos).

Como tudo na vida há exceções, houve aqueles que se opuseram a existência de um possível lado negativo da velhice, ainda que em menor número, alegando não verem desvantagens em ser velhos.

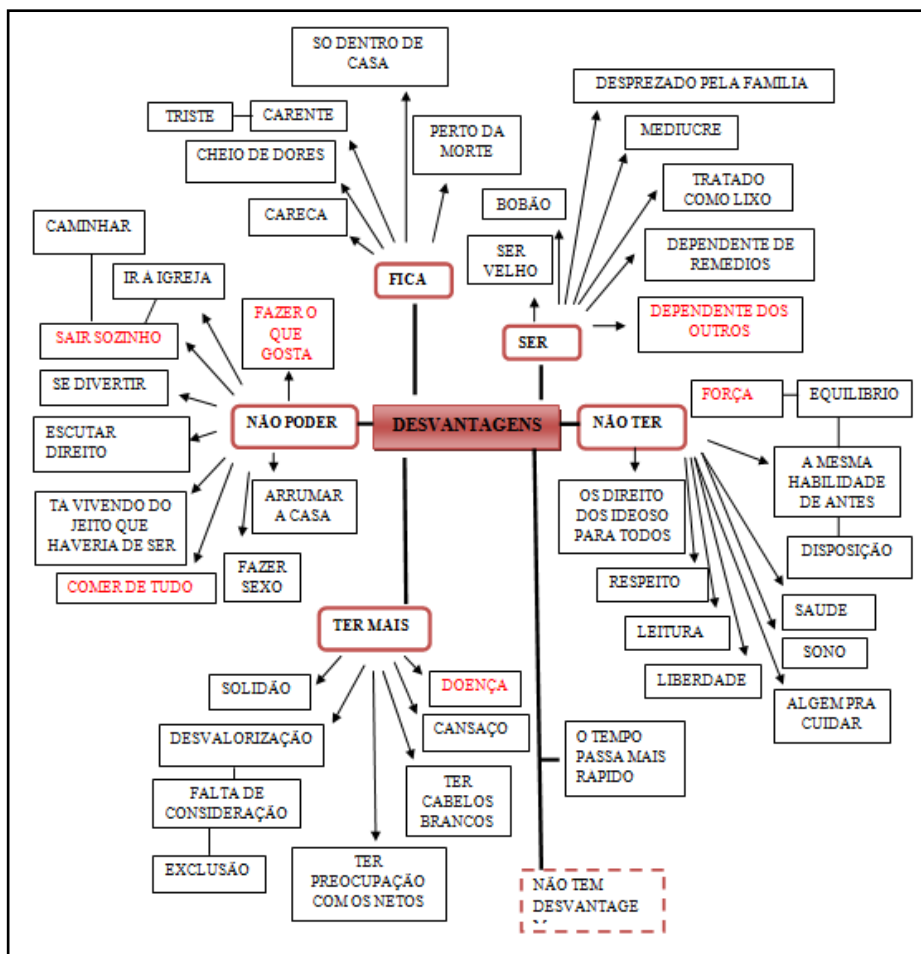


Figura 5 - Mapa conceitual referente a questão: Cite 5 desvantagens de ser velho.

Diante do exposto, identificamos de modo geral representações ainda muito negativas da velhice que se tornavam mais leves quando compreendidas na imagem do idoso. Ainda que todos vivenciassem e reconhecessem a existência da velhice enquanto processo, estes a todo momento negavam suas realidades na tentativa de caracterizar uma representação para um outro que não a si mesmo, o que acabara por sustentar a ideia de negatividade da velhice.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos propormos estudar as representações sociais da velhice tínhamos em mente o desafio que nos esperava, entretanto, ele foi ainda maior com as circunstâncias que nos foi apresentado com a presente pandemia e o afastamento coletivo, o que de certa forma mudou também a nossa própria forma de construir representações.

Não é de hoje que as questões da velhice são registradas em discussões vazias e nem sempre reais. Também não é de hoje que a imagem do ser velho é restrita à degradação e a velhice a um fim trágico da vida humana. Por não serem de hoje é que essas ideias disseminadas e impregnadas na nossa sociedade puderam também serem vistas nos discursos dos próprios sujeitos velhos de Senhor do Bonfim, os quais na grande maioria direcionaram ao ser velho representações sociais das quais não se reconheciam por não se aceitarem enquanto seres envelhecetes. Criaram eles representações que se distanciam do conceito e se aproximam do processo enquanto fase natural da vida humana.

Ainda assim, percebe-se que esse trabalho de alguma forma despertou reflexões no modo de pensar e ver as representações que atualmente se apresentam a esses sujeitos, sendo elas importantes nesse processo de desmistificar e reinventar uma nova imagem da velhice e do envelhecimento capaz de serem reconhecidas por quem a vive em plenitude.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. *Representação social: uma genealogia do conceito*. Comum, v. 10, n. 23, p. 122-38, 2004.

ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de pesquisa*, 2002, 117: 127-147.

BEAUVOIR, S. *A velhice: o mais completo ensaio sobre a condição do idoso na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

COSTA, Suellen Monteiro da; FREITAS, Silvane Aparecida de. *As representações sociais sobre a velhice*. Interfaces da Educação, v. 1, n. 2, p. 16-27, 2010.

FERNÁNDEZ, R.P. *El proceso de envejecimiento y la intervención social*. In: RBCEH, Passo Fundo, v. 4, n. 1, p. 57-75, jan./jun. 2007.

- Gava, T. B. S., Menezes, C. D., & Cury, D. (2003, March). Aplicações de mapas conceituais na educação como ferramenta metacognitiva. In *III International Conference on Engineering and Computer Education-ICECE* (Vol. 16).
- GREGOLIN, Maria. *Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. Comunicação mídia e consumo*, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2007.
- GOLDENBERG, M. *A bela velhice*. São Paulo: Record, 2013.
- HORN, Vanessa Quevedo. *A imagem da velhice na contemporaneidade*. 2013.
- IBGE. *Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>, acesso em 09 de junho de 2020.
- JODELET, Denise. *Representações sociais: um domínio em expansão*. As representações sociais, v. 17, p. 44, 2001.
- MAGNABOSCO-MARTINS, Claudia Regina; VIZEU-CAMARGO, Brígido; BIASUS, Felipe. *Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias*. Universitas Psychologica, v. 8, n. 3, p. 831-847, 2009.
- MARTINS, Rosa Maria Lopes; RODRIGUES, Maria de Lurdes Martins. *Esterótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica*. Millenium, p. 249-254, 2004.
- MAZZOTTI, Alda Judith Alves. *Representações Sociais de Meninos de Rua*. In: Revista Educação e Realidade V. 2, n. 1. ISSN 0100-3143 (impresso) e 2175-6236 (online), 1997.
- MAZZOTTI, Alda Judith Alves. *A abordagem estrutural das representações sociais*. Psicologia da Educação. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. ISSN 2175-3520, n. 14-15, 2002.
- MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1961
- OLIVEIRA, Jane F. de; PAIVA, Mirian Santos; VALENTE, Camila L. M. *Representações Sociais de profissionais de saúde sobre o consumo de drogas: um olhar numa perspectiva de gênero*. Ciência & Saúde Coletiva. ABRASCO. v.11, n.2, abril/junho, 2006. p.473-481.
- PAVARINO, Rosana Nantes. *Teoria das representações sociais: pertinência para as pesquisas em comunicação de massa*. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXVI**. 2003. p. 1-20.
- SANTOS, Verônica Braga dos; TURA, Luiz Fernando Rangel; ARRUDA, Angela Maria Silva. *As representações sociais de "pessoa velha" construídas por idosos*. Saúde e sociedade, v. 22, p. 138-147, 2013.
- SÊGA, Rafael Augustus. *O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici*. Anos 90, v. 8, n. 13, p. 128-133, 2000.

SERPA, A. *Teoria das representações em Henri Lefebvre: por uma abordagem cultural e multidimensional da geografia*. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 487-495, 2014.

VELOZ, Maria Cristina Trigueiro; NASCIMENTO- SCHULZE, Célia Maria; CAMARGO, Brígido Vizeu. *Representações sociais do envelhecimento*. Psicologia: reflexões críticas, v. 12, n. 2, p. 479- 501, 1999.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura familiar 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 75, 76

Antropometria 77, 78

C

Camponeses 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 76

Canções 53, 104, 105, 106, 108

Ciclo de vida 134, 135, 136, 142, 143, 144

Condições de trabalho 186

Cooperativismo 67, 68, 69, 71, 74

Cuidados 20, 98, 100, 102, 154, 200, 202

D

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 22, 24, 27, 29, 44, 50, 51, 52, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 89, 92, 101, 103, 115, 118, 133, 135, 142, 143, 150, 151, 165, 167, 168, 175, 181, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 207, 213, 217, 218, 219, 220

Desenvolvimento regional 1, 2, 4, 6, 7, 8, 11, 12

Desigualdade social 1, 147

Doenças cardiovasculares 77, 78, 79, 81, 83, 85

E

Educação integral 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 31

Emprego precário 186

Encenação 104, 110, 112

Engajamento 104, 105, 107, 110, 111, 113, 114

Enunciação 115, 116, 118, 122, 123, 131, 132

Envelhecimento humano 32, 39

Equilíbrio 5, 37, 45, 50, 51, 52, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 203, 213, 220

Escola básica 13, 14, 21, 28

Exercício físico 77, 78, 79, 85

Experiências 13, 14, 23, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 35, 40, 44, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 90, 100, 101, 103

F

Federalismo 1, 10, 11, 12

Fragmentação 7, 9, 10, 52, 65, 146, 147, 148, 153, 163, 164, 217

G

Geografia do envelhecimento 32, 34, 39

Grupo de Teatro Opinião 104, 109

J

Jovens 15, 33, 38, 89, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 127, 200, 201, 202

M

Marília 145, 146, 147, 148, 149, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 164, 165

Mercado imobiliário 146, 149, 151, 152, 164

Mercado Municipal 134, 135, 136, 137, 138, 140, 142, 143, 144, 145

Migração 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 128, 217, 218, 219

P

Planejamento regional 1, 4, 11, 12

Planejamento turístico 134

PMCMV 146, 149, 150, 151, 152, 153, 158, 159, 163

Políticas públicas 1, 9, 10, 11, 50, 60, 61, 63, 64, 67, 68, 70, 71, 75, 76, 84, 147, 148, 149, 150, 153

Prevenção 20, 77, 78, 82, 84, 98, 99, 100, 103

Protagonismo 98, 103

R

Reforma trabalhista 186, 187, 189, 190, 192, 193

Representação social da velhice 32, 34

S

Saberes 29, 35, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 101

Segregação 146, 147, 150, 155, 156, 163, 165

Semiótica do discurso 115, 116, 118, 121, 132

T

Taxas 117, 166, 169, 170, 173, 175, 176, 178, 179, 181, 184

Tempos-espacos educativos 13

Tesouro direto 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 180, 181

Títulos públicos 166, 167, 168, 169, 170, 171, 175, 179, 180, 181, 183, 185

Trabalho intermitente 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193

Tributos 166, 170, 172, 173, 177, 184

V

Vulnerabilidade 33, 98, 128, 198

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade

- 
-  www.atenaeditora.com.br
 -  contato@atenaeditora.com.br
 -  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 -  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade

- 
-  www.atenaeditora.com.br
 -  contato@atenaeditora.com.br
 -  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 -  www.facebook.com/atenaeditora.com.br